

Eu, Ben Ahfkael, filho de Noran Fikat, servo de Plendor — grande rei repleto de luz, a quem sirvo desde eras ancestrais —, vos relato mais uma das muitas histórias que recolhi nas sendas do mundo. Esta, porém, não se trata de um conto de reis nem de guerras imortais, mas de uma travessia... uma travessia que revelou tanto das fragilidades dos homens quanto de suas virtudes ocultas.

Foi nos dias em que os ventos do norte sopravam com fúria, e as estradas, esquecidas pela mão dos homens, tornaram-se trilhas de angústia e desafio. A senda que conduzia a Danfim, outrora pulsante de vida e comércio, jazia agora corroída pelo tempo e pelo abandono.

Assim se deu que um cocheiro — de nome Gergul, homem rústico e de poucas delicadezas — conduzia sua velha carroça sobre pedras, buracos e sulcos que pareciam cicatrizes do próprio mundo. A cada solavanco, um lamento escapava-lhe, acompanhado de uma mão que se lançava às nádegas doloridas. “Que estrada horrível!”, praguejava, como se tais palavras pudessem suavizar a aspereza da jornada.

Amidála, jovem de espírito ardente e olhos que pareciam carregar o próprio fulgor das estrelas, apoiava-se na borda da carroça. “Senhor, pode parar um pouco? Este calor nos devora...”, rogou, a voz entrelaçada de súplica e cansaço.

Gergul, ferido mais no orgulho que na carne, retrucou: “Não me chame de senhor! Assim me sinto um velho caquético!”

Era, de fato, uma jornada que testava não apenas os corpos, mas as próprias almas. Nove luas haviam transcorrido desde que partiram, e Danfim ainda repousava além do horizonte, distante, quase inalcançável. A terra ao redor, seca e cruel, parecia zombar de seus esforços. Suas bocas rachavam pela sede. O vento trazia não alívio, mas areia.

Filemon, sempre o mais impaciente e, ironicamente, o mais cético quanto ao valor das memórias, ergueu a voz: “Vamos, Gergul... a garota tem razão. Eu não suporto mais isto. Anthon, pare de falar consigo mesmo e veja quanta água nos resta!”

Ah... a água. Miserável, minguada, refugiava-se no fundo de um último cantil, e este já meio vazio. A esperança, assim como a sombra naquele deserto abrasador, tornava-se miragem.

O cavalo, outrora vigoroso, agora arrastava-se, partilhando do desespero de seus donos.

“Minhas pernas doem, Gergul... Por favor, apenas um instante de descanso...” — Amidála insistiu, como se uma prece pudesse dobrar o destino.

Mas Gergul, endurecido pela vida, respondeu: “Vocês não sabem o que é dor! São frágeis... fracos. Não podemos parar. Ou então...” — E sua voz se perdeu, engolida pelo vento, como se temesse concluir o próprio presságio.

Permitam-me, ó leitor, abrir um parêntese nesta narrativa, pois se faz necessário compreender que nem sempre foram cinco nesta companhia. Houve um tempo, não muito distante, em que seus passos contavam também com Nuaria Von Kerk...

Foi durante a busca pelo Artefato da Cura, oculto nas entranhas da caverna de Tirgwood. Relíquia capaz, segundo antigos cânticos, de curar qualquer enfermidade — esperança última da princesa que, definhando, aguardava um milagre. Mas o destino, cruel e caprichoso, traçara outro curso. Pois aquele artefato jazia não nas mãos de homens, mas no covil de um dragão.

Sim, enfrentaram horrores indescritíveis — bestas selvagens, armadilhas de eras esquecidas —, até se depararem com o guardião flamejante. E falharam. Fugiram, não por covardia, mas por preservação. Nem todos, contudo, escaparam. Nuaria... bela Nuaria, não conheceu o alvorecer daquele dia.

Filemon, incapaz de suportar tais lembranças, explodiu: “Cala essa boca, Anthon! Não vê que ninguém quer se lembrar disso agora?”

Ergueu-se então, tomado por fúria e dor — uma dor que não se cura com bálsamos —, empurrando-me.

“Qual é o seu problema, homem?”, rebati.

“Por que fez isso, Filemon? Acalme-se!”, interveio Amidála, colocando-se entre nós como um frágil escudo feito de coragem.

Mas Filemon, envolto no véu da mágoa, respondeu: “Me proteger? Você acha que consegue me ferir, seu inútil? Vai fazer o quê? Narrar minha desgraça? Você é patético, Anthon!” — E suas palavras vieram lavadas em lágrimas, pois até mesmo o aço da língua se dobra quando o coração sangra.

No íntimo, sabíamos... a estrada para Danfim não era apenas de pedra e pó. Era feita de memórias, de culpas, de esperanças trincadas... e de silêncios que, por vezes, dizem mais que qualquer lamento.

E assim seguimos.